

PLANTAS QUEIMADAS E CADEADOS OXIDADOS

O clima era muito tenso ontem entre os moradores do conjunto O, na QNN 6, vizinhos da casa de Edivaldo Batista, onde ocorreu o vazamento de gás. Alguns ainda temiam estar intoxicados, porque o cheiro forte, que lembra água sanitária, ainda estava no ar. “É preciso que se diga logo o que era. Quem sabe não precisamos tomar alguma medicação”, questionou o advogado Eurípedes José de Farias, 50 anos.

A família do advogado teve sua pacata rotina alterada com a confusão formada depois do vazamento de gás. Por precaução, Eurípedes levou a mulher e os filhos para dormir na casa de um filho mais velho, também em Ceilândia. “Foi horrível”, contou o advogado, que mora a uns 25 metros de distância da casa de Edivaldo.

Eurípedes e a família se preparavam para dormir quando acon-

teceu o vazamento de gás. “Ouvi um barulho como se alguém estivessem descarregando um extintor de incêndio. Quando abri a porta de casa e fui até o portão, senti um bafo de ar como uma pancada. Logo em seguida, senti um cheiro forte, asfíxiante.”

O advogado conta que viu uma fumaça branca saindo da casa de Edivaldo e que encobria boa parte da rua. Com muito medo e sem saber do que se tratava, fechou a porta da frente rapidamente e correu com a família para os fundos da casa, onde há uma saída para a rua de trás.

Moradores de conjuntos mais distantes, como a dona-de-casa Iracema Queiroz, 55 anos, que mora no conjunto A, a mais de 200 metros de distância do local do vazamento, sentira o cheiro forte do gás. “Ninguém conseguia ficar dentro de casa”, relatou.

Ao contrário do que pensam muitos moradores, não houve explosão. Só mesmo vazamento de gás. Mas o suficiente para causar prejuízos nas residências. Nas casas mais próximas a de Edivaldo e Maria, as plantas murcharam e ficaram com aparência de queimadas. Os cadeados nos portões estavam com uma aparência de velhos, oxidados. “Foi tudo o gás”, disse o advogado Eurípedes de Farias.

“Eu ainda ouvi os gritos dela (Maria José) e quando ela disse que iria morrer”, contou, aos prantos, Dulce Souza Cunha, 42 anos, vizinha de muro de Maria e Edivaldo. Dulce e o marido, Domingos Antônio, 44, que foi internado no Hospital Regional de Ceilândia (HRC) com asfixia, ouviram um barulho e, em seguida, uma forte cheiro que lembra água sanitária. (MX)



GRITOS

Dulce Souza Cunha, vizinha dos donos do cilindro, ouviu os gritos de Maria José: “Ela disse que ia morrer”